

Caminhos para o desenvolvimento da sensibilidade ambiental: uma incursão sobre as evidências

Fernando Jaeger Soares

Licenciado em Ciências Biológicas pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), desenvolveu dissertação no curso de Mestrado em Educação em Ciências para o Desenvolvimento Sustentável pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). Com pesquisa financiada pela FAPERGS sob co-orientação do *Florida Institute of Technology* (FIT/USA), concentra-se nas áreas de Avaliação e Currículo da Educação Ambiental. Nos últimos cinco anos atuou como editor da revista *Permacultura Brasil – soluções ecológicas* junto ao Instituto de Permacultura e Ecovilas do Cerrado/GO, como consultor em Educação Ambiental para a *Fundação Gaia* e como professor no Centro de Educação Ambiental *Estação Ecologia* em Estância Velha/RS. É professor de Estudos Ambientais no Curso Técnico em Paisagismo do Colégio Bom Pastor, Nova Petrópolis/RS e professor de ciências em duas escolas públicas de Ivoti.

fernandojsoares@terra.com.br

Uma das dúvidas mais freqüentes nas escolas e que alguns alunos as vezes perguntam é: *para que me serve saber isso? Ou ainda: onde é que eu vou usar isso na minha vida?* Costumo responder estas perguntas com uma estória, que aqui servirá também para iniciar a minha argumentação sobre a educação pela experiência, e evidenciar o potencial ambientalmente educador das atividades que ocorrem fora da escola, em ambientes silvestres, em trilhas, acampamentos, museus, fábricas e tudo que é lugar que não é a escola propriamente dita. Pois a escola na sua estrutura, ainda que se esforce para ser rica em experiências, é infinitamente tediosa diante da vida lá fora.

Há 19 anos atrás quando eu ainda morria de medo de caranguejos tive a oportunidade de participar de um curso de Biologia Marinha para crianças, no Centro de Estudos Limnológicos e Marinhos da UFRGS (CECLIMAR) em Imbé, RS. Eu não sabia que incluso no programa estava a visita a um caranguejal. Não sabia ainda que lá, enquanto centenas de caranguejos eriçavam suas garras ameaçadoras, teríamos que pegá-los **não** com as mãos, mas com os pés, e absolutamente descalços. Isto faz parte da técnica de coleta, já que os animaizinhos são muito ágeis e não dá tempo de se abaixar para pegá-los com as mãos sem que fujam. Então depois de gentilmente e literalmente pisar em cima do caranguejo de pés descalços a fim de prendê-lo, podíamos nos abaixar para pegá-lo, observar seu ventre e soltá-lo novamente.

Como se isso não fosse o suficiente para uma aula prática, neste curso estava inclusa ainda, uma caminhada à noite na praia de Tramandaí para pegar os caranguejos-aranha, brancos, mais rápidos e mais agressivos que só saem da toca à noite (hoje eles praticamente desapareceram de lá). Com uma lua singela, mas presente o tempo todo, caminhamos muito e de repente o professor pediu que fizessemos silêncio, já que a turma estava bastante excitada e não parava de falar. Ficamos alguns minutos caminhando em silêncio absoluto, escutando as ondas, o vento nas orelhas, o som da noite na beira da praia. **Minutos** em total silêncio para uma turma de alunos é algo revelador e tudo me deixava cada vez mais encantado.

Teve passeio à praia, coleta de moluscos presos nos pilares da plataforma de pesca, observação com lupas, microscópios e organização da bicharada em aquários. Um curso de 2 dias cujos detalhes permanecem na minha memória quase duas décadas depois. Voltei daquele programa sabendo mais sobre a vida marinha, mais sobre os caramujos e as tatuíras, mas muito mais do que isso, voltei com uma visão diferente e uma sensibilidade enriquecida, uma nova percepção da beleza. Nunca mais precisei pegar caranguejo com o pé, ou explicar como os moluscos bivalves se alimentam, ou porque a tatuíra se enterra de costas, mas aprendi a caminhar na areia da praia de uma maneira diferente, acompanhado de toda aquela sabedoria.

Então para que serviu? Onde é que vou usar? Seria mais difícil responder onde é que **não** vou usar isso ou para o que **não** me serviria. Afinal a simples experiência vivida contida em um currículo sobre animais bentônicos tem influenciado toda a minha práxis de professor. Não consigo menosprezar a experiência e acredito que é justamente a experiência significativa que desperta a criatividade, a cognição, a aprendizagem que tanto prezamos em nossos alunos. Experiências como estas muitas crianças vivem ao longo de suas vidas, porém surpreendentemente elas não são freqüentes na escola. Ao menos não como poderiam, já que a escola e os projetos curriculares continuam com sua ênfase na razão como se viver fosse mesmo racionalizar.

Porque a experiência

Se já é difícil colocar a mão em um caranguejo, você pode imaginar como foi tocá-los pela primeira vez com o pé. Imagine-se nesta situação. Se você tem medo de sapos, aranhas, baratas, cobras ou qualquer bichinho carinhoso desses, tire o sapato, tire as meias e segure o bicho com seu pé. Pegue-o com as mãos, leve-o até bem próximo dos olhos e conheça-o. Sua relação com o animal muda imediatamente. Sabemos disso, mas não levamos muito em conta ao longo de nossos anos letivos.

Hoje existem hipóteses que tentam explicar os benefícios deste tipo de abordagem. Em McKenzie (2000) encontramos alguns pontos de partida que experimentalmente identificam diversas variáveis influentes da experiência em si. Por exemplo: vivenciar um **ambiente** no qual o aluno não está familiarizado causa um estado de dissonância que gera uma ansiedade construtiva diante do risco e do desconhecido. Este estado lembra muito o que Piaget falava em “desequilíbrio” e o que Capra (2002) chama de necessidade de detectar padrões (do inglês: *patterns*), de conhecer. Há muitos elementos descritos na experiência acima que causam ansiedade e ao professor nestas circunstâncias, cabe equalizar este efeito de maneira que permaneça construtivo e prazeroso.

Além da vivência de *um outro ambiente*, algumas **atividades** específicas destes ambientes podem ser planejadas e desenvolvidas ampliando ainda mais o ganho cognitivo. No caso acima foram coletas de animais, mas poderia ser escalar um morro a procura de ninhos e vestígios de animais, poderia ser construir uma cabana ou uma canoa de bambu, poderia ser mapear o seu caminho pelo mato, alimentar formigas e etc. No contexto das atividades também se pode criar a mesma dissonância requerida na dose certa.

Por último, a formação dos grupos, **as pessoas** presentes no evento trazem consigo muitas vezes aspectos da personalidade que faltava para enriquecer ainda mais a experiência e que só emerge sob aquelas circunstâncias.

Estar atento ao valor da experiência é mais do que informar, é estimular o gosto pela vida e pelo conhecer. Fui descobrir mais tarde que era aquele tipo de escola a escola dos meus sonhos, onde há muito mais para *viver* do que para aprender sobre a natureza. Não sabia que anos mais tarde trabalharia como professor nem tampouco que faria carreira na Educação Ambiental, e muito menos que desenvolveria pesquisa sobre isso. São experiências como estas que pouco a pouco vão formar e influenciar nosso esquema de tomadas de decisões e até mesmo determiná-las.

Hoje sabemos que a cognição se constrói impreterivelmente sob a razão e a emoção. Não há como separá-las, como operá-las de maneira distinta (Maturana, 2001). No entanto o universo escolar, com raras exceções no Ensino Infantil, parece desconhecer esta natureza e permanecer perpetuamente focalizado na informação, na razão. Não há dúvida de que a estrutura do sistema escolar como se apresenta hoje dificulta uma educação que priorize a experiência ou que no mínimo a considere de igual para igual com a informação. Felizmente existem saídas promissoras para isso, sobretudo no campo da Educação Ambiental.

Origens da sensibilidade ambiental

Precisamos considerar que, assim como qualquer expressão do comportamento humano, esta sensibilidade tem suas origens histórico-genéticas e histórico-ambientais. Ou seja, tem influências de dentro para fora, e de fora para dentro. Para Platão, todo o conhecimento e toda virtude humana eram inatos. Em outras palavras, somos o que nascemos para ser. Em contraste, John Locke, filósofo inglês do século XVII, propôs que uma criança recém nascida é como um bloco de ardósia em branco, liso, onde a experiência de vida imprime suas mensagens. Hoje a ciência e suas evidências comprovam que tanto a hereditariedade quanto todas as nossas experiências, desde o ambiente pré-natal, ao longo do fluxo do nosso desenvolvimento nos tornam o que somos (Glassman, 1995).

Mas para simplificar a reflexão e a abordagem prática, neste artigo vou simplesmente desconsiderar o que a genética tem para dizer, o que não significa que estou eliminando a sua relevância no tema. Vou apenas me concentrar nas experiências vividas que contribuem para a formação da sensibilidade ambiental, considerando ainda que estas experiências estão imbricadas na cultura do educando desde a concepção.

Assim, se você alcançou esta revista, interessou-se por este artigo e chegou até este parágrafo na sua leitura, é provável que já tenha trabalhado com Educação Ambiental antes, ou que já tenha participado de atividades em prol do meio ambiente. De qualquer forma você deve ser capaz de identificar em si próprio seu grau de sensibilidade para com o meio ambiente: Você tem uma atitude favorável à caça ou à pesca indiscriminada? Você tem uma atitude absolutamente indiferente em relação à sujeira dos rios e das ruas? Você se considera um consumidor irresponsável ecologicamente? Você simplesmente não se importa com tudo isso ou fervorosamente envolve-se em uma miríade de atividades de proteção ambiental?

Com esta perspectiva em mente, procure identificar em você as lembranças mais remotas que o tornaram o que você é hoje, ou seja, explique-se a si mesmo sobre sua experiência de vida na formação de sua sensibilidade ambiental. O que a fez ser o que é hoje? No meu caso, sem sombra de dúvidas, o curso no CECLIMAR foi certo, assim como também foi crucial ter assistido a diversos documentários do David Altonborough na infância na companhia de meu pai, de ter criado um cachorro vira-latas como se fosse meu irmão de sangue por 12 anos, de ter espelhado minha identidade naqueles que me acompanhavam a cada novo passo em direção a vida adulta.

Quando se faz esta mesma pergunta a um número maior de pessoas, começam então a surgir uma regularidade de ocorrências nas lembranças e é a partir destas que se concebe a pesquisa em Experiências Significativas de Vida, que veremos mais adiante.

Atividades de sensibilização

São incontáveis os programas de Educação Ambiental e as campanhas de conscientização da população sobre o lixo, sobre a economia de energia, sobre o consumo sustentável de água e etc, que incluem no currículo atividades ou estratégias de sensibilização ambiental. Parece ser do senso comum que precisamos fazer alguma coisa para nos sensibilizar em relação ao meio ambiente, isto é, que precisamos demonstrar sensibilidade à sujeira nas ruas e nos rios, ao barulho e ao fedor dos ambientes que criamos e nos quais vivemos. Não obstante, precisamos ter sensibilidade à morte de animais silvestres ou, para ser mais abrangente, à perda da biodiversidade como um todo. O Levantamento Nacional de Projetos de Educação Ambiental do Ministério do Meio Ambiente (1997) registrou que daqueles projetos cujo eixo principal era a Educação Ambiental, isto é, projetos **de** Educação Ambiental e não projetos que continham simplesmente Educação Ambiental como um de seus ramos, 39,8% caracterizavam-se como sendo projetos de sensibilização do público em geral.

Como educadores, julgamos que esta ou aquela atividade possa operar como um sensibilizador, isto é, lançamos mão de alguma atividade que acreditamos ter um potencial sensibilizador. A esta chamamos de atividade de sensibilização. Para um ou outro educador pode ser simplesmente fazer com que todo mundo se abrace na sala, pode ser colher flores e observar quão belas são, pode ser caminhar na beira do rio e não fazer nada, pode ser visitar o “lixão” ou o zoológico, tirar os sapatos e as meias diante de gente que a gente nunca viu. Mas o que torna uma pessoa mais ambientalmente sensível do que outra? Porque para uns é tão fácil simplesmente ignorar a poluição enquanto que para outros parece ser tão agressivo? O que nos torna **insensíveis** então? Não sabemos. Ao menos não sob o ponto de vista das explicações científicas.

Claro que respostas a estas perguntas abrandariam significativamente as dificuldades de criarmos ambientes curriculares eficientes para a Educação Ambiental. Isto porque a sensibilidade ambiental parece ser um dos principais pré-requisitos para o comportamento ecologicamente responsável. Em outras palavras, pessoas ambientalmente sensíveis, afetuosas à natureza estão em uma condição mais propícia para o desenvolvimento de sua cidadania ambiental, ou possuem a predisposição necessária para o aprender e o educar-se à cerca das questões ambientais, conforme Hungerford, H. R. e Volk, T. L., 1990. Para estes autores a sensibilidade ambiental é a porta de entrada para uma vida ecologicamente correta.

Pense nisso, pois é quase o mesmo que afirmar que se você não desenvolveu esta sensibilidade, é muito provável que venha a ter muito mais dificuldades de se tornar um cidadão ambiental. É da sensibilidade que vem a força de nossas ações. Aquilo que nos causa indignação nos mostra ao que somos sensíveis. Assim, se buscamos a cidadania ambiental, então temos que considerar uma educação que propicie o desenvolvimento desta sensibilidade.

Ainda que a coleta de caranguejos não fosse uma atividade de sensibilização propriamente configurada para tal, isto é, com a intenção de ser do professor, certamente foi uma das experiências que me fez seguir este rumo que sigo hoje. Logicamente, esta sensibilidade constrói-se no educando em função do momento em que ele se encontra na sua vida. O que vai sensibilizar alguém é muito difícil de dizer, mas podemos identificar certos tipos de atividades, ou certos ambientes que se apresentam como potenciais para a sensibilização. Vencer medos de animais silvestres pode ser, nesse caso, um tipo de padrão potencialmente sensibilizador.

Dos quase 40% de atividades identificadas como de sensibilização apresentadas no relatório do MMA acima citado, 20% são materiais impressos, 14,5% eventos públicos, 13,4% exposições, 12,7% audiovisuais, 10,4% jornais, 7,7% rádio, 6,7% filmes, 5,7% televisão, 4,6% teatro e 4,3% revistas e música. Nada parecido com aquilo que estou chamando aqui de experiência significativa. E ainda que eu não chame estas atividades de sensibilizadoras, também não desconsidero sua importância na construção da sensibilidade. Acredito que o uso dos 5 sentidos durante a experiência adicionado ao “clima” criado ou vivido favorece esta sensibilização e portanto penso que existem atividades com maior ou menor potencial sensibilizador. Teatro tem um potencial tremendo superando quaisquer das mídias citadas acima, mas obviamente alcança um número menor de pessoas por unidade de tempo.

Comparando mais tarde os dados acima com os resultados das pesquisas com Experiências Significativas de Vida poderemos ter uma outra perspectiva sobre como agir se desejamos que nossa Educação Ambiental seja sensibilizadora.

Experiências Significativas de Vida

Mais do que tentar definir operacionalmente a sensibilidade ambiental como um construto psicológico estudos recentes de *Experiências Significativas de Vida* (SLE do inglês *Significative Life Experience*) procuraram identificar as experiências de vida que parecem contribuir regularmente para a formação da sensibilidade ambiental (Sward, L. L. e Marcinkowski, T., 1998). Nestes estudos, a partir de relatos autobiográficos de lideranças no campo ambiental obteve-se uma regularidade de certas experiências reportadas como promissoras na formação da cidadania ambiental, isto é, formadoras de indivíduos comprometidos com a causa ambiental.

É provável, portanto, que a que o fez ser o que é hoje em termos de sensibilidade ambiental também foi vivido por muitas outras pessoas que hoje, tanto quanto você, estão envolvidas com a questão ambiental. Veremos mais adiante as descobertas de até então.

A lógica para a aplicação e difusão destas descobertas está justamente em estimular a reprodução de tais experiências na EA a fim de propiciar a emergência da sensibilidade ambiental. Como vimos antes, em um sem número de cursos e oficinas de EA podemos encontrar atividades identificadas como sendo exercícios de sensibilização, porém na maioria dos casos carecemos de embasamento teórico-científico que nos assegure do potencial sensibilizante do exercício proposto. O significado de uma experiência depende muito do contexto espaço-temporal, do momento que está vivendo o sujeito, da sua história. Em outras palavras, não podemos forçar a sensibilização ambiental e não importa qual seja a atividade proposta, não podemos jamais estar certos de que ao fazer tal atividade o educando estará sensibilizado.

Assim mesmo, para o Ensino Fundamental, e em especial para as séries iniciais, é de suma importância que estas oportunidades estejam presentes no currículo. Mais uma vez, não se trata de reproduzir um significado, mas de contextualizar a realidade de tal forma que a razão e a emoção trabalhem juntas para uma cognição em prol da vida, isto é aumentar as chances de emoção e razão sincronizarem-se para o bem.

Em um outro estudo que está em andamento com base em relatos autobiográficos envolvendo cerca de 30 pesquisadores de 12 países – sendo que 9 países já publicaram seus resultados – (Palmer *et al*, 1998), as experiências positivas vividas na infância junto à natureza, sejam elas, pescarias, caçadas, subir em árvores ou as experiências negativas que causavam sensação de perda ou apreensão, ie mortandade de peixes, perda de espaços verdes da infância como matas ou campinas, presenciar a morte de animais, lidera os percentuais como os fatores mais influentes da formação de um indivíduo ambientalmente responsável e ativo. A partir da revisão bibliográfica sobre pesquisas de *Experiências Significativas de Vida* feita por Chawla (1998) percebe-se claramente que atividades desenvolvidas ao ar livre, em especial em ambientes de “natureza virgem” ou de exuberância natural, definitivamente

contribuem para a consolidação da sensibilidade ambiental. Em uma das pesquisas revisadas, 78% dos entrevistados identificou a vivência em áreas naturais como o principal fator de influência sobre a decisão de fazer carreira em Biologia da Conservação. Noutras duas pesquisas revisadas, mais de 90% dos entrevistados informou que atividades ao ar livre (férias com a família, brincadeiras de criança, acampamentos da juventude, pescaria e caça) foram decisivos na formação da atitude pró-ambiente. As pesquisas deste tipo tem encontrado sempre o mesmo padrão. Raramente os entrevistados identificam um panfleto ou uma cartilha elaborada por um órgão público como um fator que lhes determinou as escolhas pró-ambiente, embora em alguns casos são mencionados personalidades (professores, autores), vídeos ou organizações não governamentais.

Para mim, não apenas a partir da experiência de vida, mas hoje também a partir das evidências que tem emergido com as pesquisas nesta área, sinto-me convencido de que, se desejo favorecer a construção de uma sensibilidade ambiental que possibilite a formação de um cidadão ambiental, mais vale engajar meus alunos em um projeto que inclua um bom número de horas no mato do que centenas de horas de palestras, lâminas de retro-projetor e exercícios do livro didático (páginas tal e tal). Melhor dizendo, que o palco destas atividades educativas seja a própria comunidade e sua geografia. Já que educamos para a vida, então que seja onde ela acontece.

Alternativas para realização

Destes argumentos justifico o benefício das trilhas ecológicas de interpretação ambiental e sensibilização. Se a trilha não pode ser lavada para a sala de aula onde acontece história, religião, português, matemática, ciências, etc, é preciso encontrar uma maneira de fazer o caminho inverso. Esbarramos então em toda estrutura do sistema escolar que adiciona mais complexidade à temática ambiental. Na prática procuro fazer o maior número de saídas de campo por ano possível e da práxis, estou chegando à conclusão que talvez seja necessária uma ONG específica para este propósito: angariar fundos para educação em prol da vida onde as verbas se destinam às aventuras pedagógicas da criançada. Enquanto não se realiza o sonho de fazer da escola um centro de **organização** das atividades educativas que, na sua maioria, ocorrem fora desta, procuro pensar e planejar para o desenvolvimento ambiental desta escola a partir do pátio. Há muito a ser dito sobre paisagismo escolar para fins de sensibilização ambiental (Fedrizzi, B., Raffan, J., 2000; Grant, T. & Littlejohn, G. 2001) e mais ainda sobra a estruturação do sistema escolar para uma educação digna de século XXI, mas por agora e para este artigo gostaria de concluir deixando algumas sugestões que vão ao encontro deste objetivo:

- Se você tem medo da natureza “virgem”, da mata e dos bichos, dos insetos, é provável que passará isso aos seus alunos se fizer saída de campo com eles. Procure viver experiências que a aproximem da natureza antes de desejar fazer isso com as crianças, ou você acaba gerando o oposto. Em outras palavras, se você é daquelas pessoas cujo único lugar absolutamente seguro é na praça de alimentação de algum shopping-center, vá ao mundo “natural” algumas vezes antes de levar os seus alunos com você;
- Criar animais silvestres nativos como aranhas, grilos, peixes, cobras, ratos, pererecas e etc. é permitido com autorização do IBAMA. O animal não vai gostar muito disso e despertará nas crianças o desejo de acariciá-los, brincar com eles e acima de tudo libertá-los. Propicie toda esta dinâmica aprendendo a criá-los com saúde. Crie-os por pouco tempo para que a turma possa conhecê-los melhor e então libertá-los. Obviamente é preciso pensar sob a ótica do animal antes de fazer isso para que funcione para ambos, nós e eles;
- Colecione vestígios da natureza: penas, escamas, pegadas, ossos e dentes, “casquinhas” de insetos, peles de cobras, pedras, conchas, flores e folhas, tudo é altamente estimulante para a aproximação da criança com o desconhecido, especialmente se coletado por elas. Crie oportunidade para retornar os itens da coleção ao ambiente quando esta já não cumprir mais a sua função. Ritualize;
- Planeje passeios pedagógicos em parques naturais não apenas para o lazer, mas para a investigação sistematizada, já que é muito fácil não chegar a lugar nenhum se não sabemos onde se quer chegar. Leve instrumentos e apetrechos de estudo e observação da natureza. Construa-os na escola com sucata. Não perca a oportunidade de dar aquela aula lá mesmo seja qual for o conteúdo;

- Faça o clima, a fantasia, o contexto lúdico, perca a vergonha e brinque de estudar. A atmosfera da fantasia influencia hormonalmente e contribui para a memorização e o prazer além de fechar as portas para o tédio e a depressão;
- De alguns anos para cá, parques e sítios de lazer para crianças aumentaram em número e diversidade de atividades. Visite-os como parte das reuniões pedagógicas por área ou série. Ao visitá-los pense a **sua** aula com atividades que você irá propor além das já existentes no parque. Isso será bom para os alunos, para você e para o próprio parque;

Referências Bibliográficas:

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal. I Conferência Nacional de Educação Ambiental. Relatório do Levantamento Nacional de Projetos de Educação Ambiental. Brasília. 1997

CAPRA, Fritjof. *As Conexões Ocultas – ciência para uma vida sustentável*. São Paulo: Cultrix, 2002. 296p.

CHAWLA, Louise. *Significant Life Experiences Revisited: a review of research on sources of environmental sensitivity*. **The Journal of Environmental Education**, v.29, n.3, p.11-21, 1998.

FEDRIZZI, Beatriz Maria. *Improving Public Schoolyards in Porto Alegre*. Alnarp: Swidish University of Agricultural Sciences. 1997.

GLASSMAN, William E. *Approaches to Psychology*. 2 ed. Philadelphia: Open University Press, 1995.

HUNGERFORD, Harold, R. & VOLK, Trudi L. *Changing Learner Behavior Through Environmental Education*. **The Journal of Environmental Education**, v.21, n.3, p.8-21, 1990.

GRANT. Tim & LITTLEJOHN, Gail. *Greening School Grounds: creating habitats for learning*. Toronto: New Society Publishers, 2001.

MATURANA, Humberto. *Cognição, Ciência e Vida Cotidiana*. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

MCKENZIE, Marcia D. *How are Adventure Education Program Outcomes Achieved?: a review of the literature*. **Australian Journal of Outdoor Education**, v.5, n.1, p.19-28, 2000.

PALMER, Joy A. *et al. An Overview of Significant Influences and Formative Experiences on the Development of Adults' Environmental Awareness in Nine Countries*. **Environmental Education Research**, v.4, n.4, p.445-464, 1998.

RAFFAN, James. *Nature Nurtures: investigating the potential of school grounds*. Toronto: Evergreen, 2000.

SWARD, Leesa L. & MARCINKOWSKI, Tom. *Environmental Sensitivity: a review of the research, 1980-1998*. in: HUNGERFORD, h. & BLUHM, W. J. *Essential Readings in Environmental Education*. Virginia: ERIC, 1998.

WASS, Stephen. *Salidas escolares y trabajo de campo en la educación primaria*. Madrid: Ediciones Morata, 1990.